

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA  
ESPECIALIZAÇÃO EM COOPERATIVISMO

DENIS ALEXANDRE MARIA PEREIRA

CAPITAL SOCIAL COOPERATIVO COMO FORMA DE POTENCIALIZAR A  
SUSTENTABILIDADE E O EMPREENDEDORISMO NO CONTEXTO DO  
EMPREENDIMENTO COOPERATIVO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO DA  
COOPERSINOS

SÃO LEOPOLDO

2014

Denis Alexandre Maria Pereira

CAPITAL SOCIAL COOPERATIVO COMO FORMA DE POTENCIALIZAR A  
SUSTENTABILIDADE E O EMPREENDEDORISMO NO CONTEXTO DO  
EMPREENDIMENTO COOPERATIVO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO DA  
COOPERSINOS

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Especialização apresentado como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Especialista em Cooperativismo da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Daniel Baioto

São Leopoldo

2014

Dedico este trabalho à minha esposa Michele e ao meu filho Caio, meus anjos protetores; aos meus pais, pela transmissão de valores morais, apoio e incentivo. Dedico também, aos meus irmãos, cunhados, sobrinhos, sogros e amigos que fizeram parte deste momento, e que entenderam a minha ausência nas suas vidas.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me proporcionou sabedoria, força e tranquilidade para enfrentar todos os obstáculos enfrentados até aqui;

aos meus AMORES Michele e Caio, que me incentivaram desde o início deste processo de desenvolvimento, sendo meu porto seguro;

aos meus pais irmãos, cunhados, sobrinhos, sogros e amigos pelo apoio incondicional;

aos colegas de trabalho e representantes da Coopersinos pela ajuda, confiança e intercâmbio de experiências;

ao meu orientador, Professor Carlos Daniel Baioto, pela transmissão de conhecimentos e dedicação.

## RESUMO

Este trabalho constitui um estudo de caso sobre o capital social percebido na Cooperativa dos Usuários de Serviços de Saúde do Vale do Rio dos Sinos Ltda. – Coopersinos, e os seus impactos na gestão. Além disso, parte do pressuposto que quanto maior o capital social da organização, maior será a sua capacidade de empreendedorismo e sustentabilidade. Para isso, busca-se identificar a correlação entre os temas Capital Social, Sustentabilidade e Empreendedorismo Cooperativo e esclarecer a sua forma de operação peculiar dentro do ramo de saúde, tendo como base a participação dos associados nas atividades desenvolvidas pela cooperativa, seu envolvimento com a gestão do negócio e a sua identificação com os Princípios do Cooperativismo. E, por fim, os resultados encontrados na pesquisa são analisados através da fundamentação teórica utilizada para a construção deste trabalho. Essa análise evidencia que há falta de identidade cooperativa no grupo pesquisado, possivelmente originada da falta de investimento em educação cooperativa por parte da Coopersinos, resultando no baixo comprometimento do associado na gestão do negócio. Os resultados apontam, também, que é essencial para a Cooperativa buscar a compreensão do grupo de associados com relação ao seu papel, fortalecendo a relação entre cooperados e cooperativa com vistas à constante renovação organizacional.

**Palavras-chave:** Capital Social. Sustentabilidade. Empreendedorismo Cooperativo.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA E PERGUNTA DE PESQUISA.....	7
1.2 OBJETIVOS.....	10
<b>1.2.1 Objetivo geral.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>10</b>
1.3 JUSTIFICATIVA.....	10
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Capital social .....	14
<b>2.1.1 Capital Social: reflexões teóricas .....</b>	<b>15</b>
2.2 Sustentabilidade e cooperativismo .....	19
2.3 Empreendedorismo cooperativo .....	22
2.4 Ramos do Cooperativismo.....	25
<b>3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS .....</b>	<b>30</b>
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	30
3.2 DEFINIÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE .....	30
3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS .....	31
3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS .....	33
3.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO .....	34
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>35</b>
4.1 CATEGORIA 1: MOTIVAÇÕES DOS ASSOCIADOS PARA ADERIREM A COOPERSINOS .....	35
<b>4.1.1 Sub-Categoria 1: A questão econômica como fator preponderante na avaliação dos cooperados no momento de sua adesão .....</b>	<b>36</b>
4.2 CATEGORIA 2: AS PERCEPÇÕES DOS ASSOCIADOS COM RELAÇÃO AOS PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO e o seu papel como cooperado .....	38
<b>4.2.1 Sub-Categoria 1: O baixo índice de participação dos cooperados nas decisões da Coopersinos .....</b>	<b>39</b>
4.3 CATEGORIA 3: FATORES DE APROXIMAÇÃO E AFASTAMENTO DO ASSOCIADO E A RELAÇÃO COOPERSINOS COOPERADO .....	41
<b>4.3.1 Sub-Categoria 3: A satisfação do cooperado e a sua percepção sobre o impacto da sua participação na gestão do negócio .....</b>	<b>43</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O acirramento da concorrência, observado em todos os ramos da economia, obriga as organizações a terem cada vez mais flexibilidade, criatividade e rapidez em suas tomadas de decisões. Essas alterações são impulsionadas pela introdução de novas tecnologias e métodos de gestão. Além disso, a atualidade apresenta um novo paradigma para estas organizações, que é a questão do crescimento *versus* sustentabilidade. As organizações cooperativas, devido a sua dupla natureza, também sofrem com os impactos dessas rápidas mudanças e necessitam responder prontamente aos desafios impostos pelo ambiente onde estão inseridas.

Esse projeto parte do pressuposto que quanto maior o capital social da cooperativa, maior será a capacidade de empreendedorismo e sustentabilidade desta, pois haverá mais pessoas pensando no empreendimento cooperativo, potencializando assim ações de inovação e empreendedorismo coletivo ampliando a capacidade de sustentabilidade do empreendimento. Desta forma, medir o capital social da Coopersinos e buscar formas de fortalecê-lo passa a ser uma informação relevante na busca em agregar valor e eficácia na gestão cooperativa.

Organiza-se este trabalho da seguinte forma: no capítulo inicial, apresenta-se o contexto do problema, os objetivos, geral e específicos, e a justificativa.

Na Fundamentação Teórica (segundo capítulo), inicialmente, aborda-se o conceito de capital social, apresentando as definições dos principais autores do tema e indicando o autor utilizado como a principal base teórica do trabalho. Na sequência, apresenta-se a definição de sustentabilidade, esclarecendo as suas dimensões e princípios, conforme os autores pesquisados. Ainda neste capítulo, aborda-se o tema empreendedorismo, citando as definições dos principais autores, destacando as diferenças entre o empreendedor individual e o intraempreendedor e distinguindo os elementos envolvidos com o empreendedorismo cooperativo. Por fim, discute-se como a Coopersinos se insere no ramo de cooperativas de saúde, apontando as peculiaridades da sua operação com relação às demais cooperativas alocadas no mesmo setor.

O terceiro capítulo, denominado Métodos e Procedimentos, apresenta o delineamento da pesquisa, justificando a escolha do método e esclarecendo a forma de coleta dos dados, a técnica utilizada para a análise dos dados coletados e as possíveis limitações trazidas por sua utilização.

O capítulo seguinte apresenta as análises dos dados coletados para a pesquisa. A forma de análise utilizada categoriza os dados de acordo com as similaridades dos relatos e, posteriormente, verifica as categorias emergentes, transformadas em subcategorias.

O quinto capítulo apresenta as considerações finais sobre os resultados da pesquisa, as quais têm como finalidade responder os objetivos propostos, trazendo sugestões e recomendações. Dessa forma, observa-se a adequação do método utilizado para a obtenção das questões investigadas.

### 1.1 SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA E PERGUNTA DE PESQUISA

Apesar de muitas similaridades com os demais empreendimentos empresariais, observa-se que as cooperativas são uma forma singular de organização. Para compreender melhor esta situação e o tema deste estudo, faz-se necessário conceituar o que são as cooperativas.

Para Robotka (apud VALADARES, 2003, p. 30):

A organização empresarial cooperativa é uma associação de duas ou mais unidades de produção (ou unidades domésticas) que voluntariamente estabeleceram um acordo entre si com a finalidade de coordenar e conduzir em comum determinadas atividades negociais das suas unidades econômicas individuais, e juntamente fornecer, controlar e operar quaisquer serviços necessários ao alcance dos objetivos.

Os autores José Odelso Schneider (2003) e Alicia Kaplan de Drimer (1975) corroboram, citando que as cooperativas são associações de pessoas que organizam e administram empresas econômicas, com o objetivo de satisfazer uma grande variedade de suas necessidades. Baseiam-se no esforço próprio e na ajuda mútua dos associados e atendem os interesses gerais socioeconômicos dos mesmos, mas somente na medida em que estes interesses coincidem, ou pelo menos não se opõem, aos interesses gerais da comunidade.

Encerrando, Barton (apud VALADARES, 2003, p. 32) comenta que “a cooperativa é um empreendimento de propriedade de seus donos-usuários que distribui benefícios com base na utilização dos serviços prestados”.

Apesar de apresentarem algumas diferenças no discurso, os conceitos citados deixam claro que a organização cooperativa trata-se de um empreendimento socioeconômico e que seus associados são, ao mesmo tempo, proprietários e usuários do negócio cooperativo.

Ressalta-se que o empreendimento cooperativo se fundamenta em um grupo de orientações que estabelecem a forma de relacionamento entre a cooperativa e seus membros. Estas orientações são denominadas Princípios Cooperativistas e distinguem a Cooperativa de outros tipos de empreendimentos econômicos. (VALADARES, 2003).

Os sete princípios cooperativos, conforme a reformulação feita pela Aliança Cooperativa Internacional - ACI, são:

1º - Princípio da Adesão Voluntária, Consciente e do Livre Acesso.

2º - Princípio da Gestão e do Controle Democrático por Parte dos Sócios.

3º - Princípio da Participação Econômica do Sócio.

4º - Princípio da Autonomia e Independência.

5º - Princípio da Educação, Treinamento e Informação Cooperativa.

6º - Princípio da Cooperação Intercooperativa e a Integração Cooperativa.

7º - Princípio da Preocupação com a Comunidade.

Considerando os princípios cooperativos, Valadares (2003, p. 17) conceitua a organização cooperativa como:

Uma Cooperativa é definida como um empreendimento econômico controlado pelos seus proprietários-usuários que se beneficiam de seus serviços de forma equitativa de acordo com a necessidade de cada um. Sob certos aspectos, as cooperativas se assemelham a outros tipos de empresas. Possuem instalações físicas similares, executam funções semelhantes e necessitam orientar-se por práticas administrativas, financeiras e operacionais idênticas a outros empreendimentos econômicos de mesma natureza. Além de serem normatizadas por lei específica, a elas se aplicam as normas legais próprias aos negócios a que se dedicam. Seus cooperados elegem dirigentes que estabelecem políticas para o desenvolvimento empresarial e contratam gerentes para a administração das atividades do dia-a-dia empresarial.

Além disso, para o desenvolvimento deste trabalho, se utilizará o conceito de capital social como o conjunto de normas e valores informais, compartilhados por um grupo, que possibilita que os mesmos cooperem. Sendo assim, se considerará o nível de relacionamento existente entre a cooperativa e os seus cooperados, e não a relação financeira entre estes e suas quotas. Este conceito é compartilhado com Putnam (1996) e esclarecido como características da vida social, redes, normas e confiança, que permitem aos participantes agir em conjunto de forma mais eficaz e buscar objetivos compartilhados.

Como premissa deste trabalho, existe a certeza de que a utilização do capital social é inerente ao ser humano social. Putnam (1996) menciona o capital social como a natureza e extensão do envolvimento de um indivíduo em uma ou em várias comunidades e organizações

locais e suas relações sociais. O autor declara que o capital social está presente em todas as interações dos atores sociais, desde a conversa com os vizinhos até a filiação a partidos políticos. Neste contexto, é possível garantir que mesmo as relações de grupos virtuais e redes de relacionamento possuem capital social.

O tema central deste trabalho será o capital social da Cooperativa dos Usuários de Serviços de Saúde do Vale do Rio dos Sinos Ltda – Coopersinos. A Coopersinos é uma cooperativa de saúde, formada por professores e funcionários de uma Instituição de Ensino Superior do Vale do Rio dos Sinos, fundada em 23 de abril de 1993. Atualmente, ela administra um plano de saúde para aproximadamente 1.500 cooperados, que somados aos seus dependentes, atingem um público total de 3.553 beneficiários. Seu modelo de negócio é pioneiro no Brasil, sendo a primeira cooperativa de saúde administrada pelos próprios usuários. ([www.coopersinos.com.br](http://www.coopersinos.com.br)).

Cabe ressaltar que há uma grande diferença entre o modelo de negócio da Coopersinos e as principais cooperativas de saúde do país. Enquanto as maiores cooperativas de saúde do Brasil são formadas por profissionais da saúde e seu objetivo é garantir trabalho ao seu grupo de associados, a Coopersinos é formada por usuários de serviços de saúde e sua finalidade é garantir que seus cooperados tenham acesso a uma rede de prestadores de serviços de saúde, ou seja, uma gera trabalho e a outra propicia um benefício ao seu grupo de associados.

Por ser uma autogestão em saúde, a Coopersinos administra uma rede credenciada, permitindo que seus usuários tenham acesso a consultórios, laboratórios, hospitais e demais instituições de saúde. Apesar de atender um público restrito, ela concorre com outras operadoras de saúde que comercializam seus planos na região do Vale dos Sinos, tendo, inclusive, uma intercooperação com um dos seus principais concorrentes.

Apesar de 20 anos de existência da cooperativa, percebe-se que um grande número de associados mantém-se distante da Coopersinos. A relação entre cooperativa e cooperados acabou transformando-se em uma mera relação comercial entre prestador de serviço de saúde e usuário. Devido a este distanciamento, há um baixo envolvimento dos associados nas operações da cooperativa e baixo entendimento dos mesmos sobre as questões que envolvem esse empreendimento socioeconômico.

Um dos principais sinais que evidenciam o afastamento dos associados é o baixo percentual de participação destes nas Assembleias Gerais Ordinárias. Nos últimos anos, observa-se que as Assembleias são estabelecidas com um número minimamente superior ao exigido por lei, ou seja, 10 (dez) pessoas. Os associados que comparecem não possuem nenhuma intimidade com os assuntos que estão sendo apresentados e não interagem com os

demais presentes. A grande maioria dos cooperados não conhece quais são os seus representantes nos Conselhos Administrativo e Fiscal.

Percebe-se, também, a falta de conhecimento de alguns cooperados com relação ao serviço prestado pela Cooperativa. Muitas vezes os associados se dirigem à Coopersinos utilizando o nome da outra cooperativa que é parceira comercial, ao invés do nome da mesma. Falam como se o seu plano de saúde fosse deste parceiro e não a cooperativa.

O grupo a ser analisado neste projeto é formado por associados da Coopersinos, incluindo funcionários e professores da Instituição copatrocinadora, além de pessoas dos Conselhos Administrativo e Fiscal. Para determinar o grupo foco de estudo, levou-se em consideração a acessibilidade às informações e as vantagens diretas e indiretas que serão atingidas, devido o pesquisador integrar o corpo administrativo da cooperativa analisada, na função de coordenador administrativo.

O distanciamento entre associados e Cooperativa leva a seguinte questão: Qual o nível de capital social percebido na Coopersinos e por que seria necessário ampliá-lo?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar o nível de capital social da Coopersinos e identificar o seu impacto na gestão.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Conceituar capital social dentro do contexto da cooperativa, demonstrando a sua importância para a organização;
- identificar o grau de comprometimento do cooperado com a cooperativa; e
- verificar quais os motivos do distanciamento dos associados em relação à Coopersinos.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto fundamenta-se na importância cada vez maior de incentivar e apoiar modelos de gestão participativa. Isso ocorre devido à necessidade de valorizar as ideias

e conhecimentos dos colaboradores, criando ambientes que proporcionem a integração destes, refletindo no fortalecimento do capital social da Cooperativa. A integração entre as pessoas e seus saberes gera uma maior fluidez de informação e, conseqüentemente, maior capacidade de adaptação, empreendedorismo coletivo e garantias de sustentabilidade do negócio.

Considerando que quanto maior o capital social da cooperativa, mais cooperação haverá entre os seus associados, espera-se que uma maior interação entre os cooperados e a cooperativa amplie a capacidade de empreendedorismo coletivo desta, pois haverá a construção de um ambiente com maior integração entre cooperados e cooperativa, ou seja, mais pessoas estarão pensando no empreendimento. Além disso, almeja-se que a Coopersinos consiga criar um grupo de pessoas capacitadas a participarem dos órgãos deliberativos, fazendo a sucessão nos Conselhos e dando continuidade à gestão, garantindo a sua sustentabilidade frente aos principais desafios enfrentados. Entre esses desafios destaca-se:

**Necessidade de uso sustentável dos recursos do fundo hospitalar coletivo:** Toda a operação da Coopersinos depende da manutenção do fundo hospitalar coletivo. Este fundo garante ao associado um preço mais justo pelo plano e subsídios no pagamento de suas coparticipações. O mesmo fundo é o responsável por cobrir todos os gastos de procedimentos e internações que excederem o valor da franquia estipulada pela Assembleia Geral Ordinária, não importando o custo do evento. Sendo assim, é extremamente importante que o cooperado conheça o modo de funcionamento da cooperativa e utilize os serviços de forma racional, evitando onerar o fundo desnecessariamente. Quanto mais próximos os associados, maior a possibilidade de se criar campanhas de prevenção e multiplicação de conhecimento, fortalecendo o entendimento sobre a importância de se manter o fundo hospitalar saudável, aumentando as suas entradas e diminuindo as saídas.

**Adequação do modelo de negócio frente às exigências dos órgãos reguladores do ramo onde a cooperativa está inserida (Agência Nacional de Saúde Suplementar – ANS):** Conforme citado anteriormente, a Coopersinos foi criada há 21 (vinte e um) anos e durante sua existência o ramo da saúde sofreu uma infinidade de alterações. Uma das principais mudanças deste período foi a criação de um órgão regulador ligado ao Ministério da Saúde, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), que iniciou suas atividades no ano de 1998, e que possui como principal atividade a criação de normas, o controle e a fiscalização das operadoras de planos de saúde em atividade no Brasil. Atualmente o plano de saúde ofertado pela Cooperativa possui características em sua composição que não são identificadas nos demais planos, tais como, a inclusão de agregados e permanência no plano, por tempo indeterminado, de aposentados e funcionários desligados da empresa copatrocinadora. Essa

situação acaba causando um envelhecimento ainda mais rápido do grupo de pessoas atendidas pelo plano, pois, em muitos casos, o associado titular está em uma faixa etária mais baixa, mas inclui agregados com faixas etárias elevadas, cujos gastos com a saúde acabam sendo maiores.

**Revisão do modelo de contribuição dos associados criado há mais de 12 anos e que não se apresenta viável na atualidade:** Devido à parceria entre a Universidade copatrocinadora e a Coopersinos, no ano de 2002, houve uma remodelação na forma de cobrança das coparticipações dos associados que mantinham vínculo com a Universidade. Neste momento, criaram-se três faixas de subsídio, conforme o padrão salarial do funcionário/cooperado, onde as pessoas que ganhavam salários menores eram beneficiadas com subsídios maiores. Da mesma forma, a copatrocinadora se responsabilizava pelo pagamento de 50% (cinquenta por cento) do valor da mensalidade do funcionário/cooperado, além de contribuir mensalmente para a composição do fundo hospitalar. Essa situação de cobrança de valores e subsídios diferenciados conforme a faixa salarial ainda acontece na Coopersinos, mas, devido às novas políticas de RH e o planejamento estratégico da Universidade, a situação atual não apresenta o mesmo contexto anterior. Os funcionários são contratados em enquadramentos salariais menores e a evolução da remuneração é mais morosa, ocasionando um grupo de pessoas com valores de mensalidades e coparticipações menores, onerando o fundo hospitalar.

Apesar de estes desafios estarem identificados, a alteração de qualquer um deles é extremamente complexa e carece de pessoas com conhecimentos em diferentes áreas, pois envolve questões jurídicas, econômicas e políticas.

Acredita-se que o fortalecimento do capital social possibilitará a Coopersinos atingir alguns ativos intangíveis que hoje não são acessados, como, por exemplo, o capital intelectual dos seus cooperados, devido à falta de canais que estimulem o intercâmbio de conhecimentos, ideias e inovações, o que ampliaria as potencialidades da cooperativa.

A escolha do tema do trabalho é um desafio para o pesquisador, que possui uma função administrativa na Cooperativa e participa ativamente da sua gestão e de todas as tomadas de decisões. Antes de participar da Coopersinos como funcionário, o pesquisador já havia participado do Conselho Administrativo, como Conselheiro de Comunicação. Desta forma, ele identificou que, conforme a função da pessoa na Coopersinos, há diferença no nível de envolvimento desta com os assuntos pertinentes à cooperativa.

Conforme acordado com o Presidente da Cooperativa, o pesquisador terá total acesso aos documentos da mesma e também aos dados de seus associados. Através do resultado

obtido com esta pesquisa, a Cooperativa poderá verificar quais são as melhores práticas a serem utilizadas para fortalecer o seu capital social. Os resultados poderão ser disseminados aos demais integrantes e estendidos a todos os cooperados.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão apresentadas as revisões teóricas referentes ao objetivo da pesquisa, incluindo conceitos e definições sobre capital social, sustentabilidade, empreendedorismo cooperativo e ramos do Cooperativismo, destacando o ramo da saúde, onde a Coopersinos está inserida.

### 2.1 CAPITAL SOCIAL

Apesar de apresentar-se de diferentes formas, o termo capital por várias vezes é utilizado como representação de quantia monetária. Usualmente, no sentido simplista de representação de economia, capital está referido a bens econômicos, monetários ou imóveis, como máquinas, instrumentos, fábricas, matérias-primas; capaz de reproduzir bens e serviços, ou seja, é uma variável na função de mercantilização o que constitui o alicerce do sistema econômico capitalista. (PINHO; VASCONCELLOS, 2011). Complementando suas ideias, os autores destacam que em um sistema capitalista o capital sempre estará ligado à propriedade privada de alguém.

Atualmente o termo capital apresenta-se acompanhado de diversos adjetivos que definem as várias configurações em que é capaz de se transformar. Entre os tipos de capital mais recorrentes observam-se os capitais tangíveis: **a)** Capital natural: ar, água, solo, biodiversidade (animais, plantas), paisagens; **b)** Capital Material: bens móveis e imóveis; **c)** Capital Financeiro: recursos financeiros, dinheiro; e os intangíveis: **d)** Capital Humano: cultura, valores, habilidades da comunidade, conhecimentos; **e)** Capital Político: organizações, poder, conexões partidárias, capacidade de organização em rede; **f)** Capital Social: redes, cooperação, associação, confiança, vínculos sociais; e **g)** Capital Intelectual: patrimônio de conhecimento, criatividade e inteligência de uma organização.

A sinergia entre os capitais potencializa as chances da organização em alcançar bons resultados econômicos e sociais.

No âmbito do cooperativismo, o termo Capital Social tende a ser reduzido ao valor integralizado pelo cooperado para associar-se a um empreendimento cooperativo, neste sentido, Capital Social é diretamente relacionado à cota-parte, não sendo este o sentido desenvolvido neste trabalho.

### 2.1.1 Capital Social: reflexões teóricas

Acreditando na importância das relações sociais dentro dos ambientes cooperativos, esta pesquisa abordará o capital social relacionando-o com o cooperativismo, no sentido de propor a construção de relações cooperativas, de reciprocidade, confiança e envolvimento com os objetivos coletivos.

Embora sejam encontrados na literatura diversos conceitos para capital social, percebe-se que muitos autores consideravam somente a sua importância monetária, não levando em consideração o seu aspecto social. Observa-se que o tema capital social, com um foco centrado nas relações sociais, apesar de já ser trabalhado pelo autor Lyda Judson Hanifan, no ano de 1916, ganhou maior destaque nas Ciências Sociais a partir dos anos noventa, mas ainda carece de uma definição ou delimitação que o torne mais compreensível. (BAIOTO, 2013).

Para uma melhor compreensão deste trabalho, propõem-se uma breve discussão do conceito de capital social, apontando algumas das principais contribuições e formulações teóricas que dão sustentação aos estudos realizados sobre o assunto.

Araújo (apud BECKER, 2012) destaca que os debates com relação ao capital social se iniciaram no início do século XX, quando este conceito foi usado para explicar as redes de relações alicerçadas na cooperação e que poderiam ser usadas em benefício da comunidade. No decorrer do século XX, o termo foi usado e recriado por diversos estudiosos.

Buscando um breve resgate histórico da primeira definição de capital social, encontra-se na literatura um registro publicado em 1916, onde o autor Lyda Judson Hanifan (apud BAIOTO, 2013, p. 5) o define como “ativos intangíveis que contam para a maioria das pessoas na vivência diária, isto é, confiança, companheirismo, simpatia, relacionamento social entre o indivíduo e famílias que compõem uma unidade social”.

Neste contexto, Bourdieu (1998) delimita capital social como um conjunto de recursos, atuais ou potenciais, que estão ligados a uma rede de relações formais ou informais de interconhecimento e inter-reconhecimento mútuos, unidos por ligações duradouras e favoráveis, individualmente e coletivamente. Ainda, conforme o autor, este capital não pode ser desvinculado do capital econômico, pois eles possuem uma relação dialógica, onde um acaba contribuindo para o outro.

Complementando suas ideias, Bourdieu (1998) alerta que a simples construção de uma rede de relações não garante a sua sobrevivência. Para que esta rede perdure, faz-se necessária a instauração de valores que resultem na criação de laços entre os agentes do grupo e que o

resultado desta interação gere lucros materiais ou simbólicos (sentimento de reconhecimento, de respeito, amizade, etc.). Para Bourdieu (1998, p. 68), “cada membro encontra-se instituído como guardião dos limites do grupo, já que a definição dos critérios de ingresso vê-se em jogo a cada nova inclusão de um novo membro”.

Cattani (2003) cita Fukuyama, destacando sua proposta de que capital social pode ser definido simplesmente como o grupo de valores informais ou normas compartilhadas entre os membros de um grupo que permite a cooperação entre eles.

Para Coleman (apud CENTENARO, 2013), o capital social é definido pela sua função e está incorporado à estrutura das relações existentes entre os associados, não estando vinculado diretamente às pessoas e nem aos instrumentos de produção. Para o autor, o capital social não se baseia simplesmente no coletivo, ele também pode ser utilizado individualmente pelos agentes que se encontram nas redes de relacionamento e isso é algo importante à estrutura das relações sociais, ajudando a suprir as expectativas e gerando obrigações de reciprocidade. Todos os participantes da rede podem se utilizar dele, mas não é algo que se possa apropriar individualmente, é um bem comum. O capital social facilita o atingimento de objetivos que talvez não fossem possíveis individualmente e seu sucesso varia conforme a participação e interdependência dos seus participantes. Cabe salientar que estudos como o de Hildebrando (2008) comprovam que o capital social funciona como um redutor dos custos de transação.

Conforme Coleman (apud CENTENARO, 2013), capital social inclui obrigações e expectativas, potencial de informações, normas e sanções efetivas, relações de autoridade e organização social adequada. Ainda, conforme o autor, ele só existe no espaço onde ocorrem as relações sociais entre as pessoas e associa-se mais às mudanças nas crenças e opiniões destas pessoas, ou seja, é altamente intangível.

Putnam (1996) buscou explicar os diferentes níveis de desenvolvimento social e econômico das regiões italianas como resultado da influência exercida por alguns aspectos da estrutura social. O resultado desta pesquisa representou um importante marco para a teoria do capital social, devido à sua abordagem inovadora, focada na quantidade e qualidade da participação na atividade associativa.

Putnam (1996) concluiu que o desempenho de instituições sociais e políticas é profundamente influenciado pelo envolvimento das pessoas nos assuntos da comunidade, ou seja, pelo capital social. Desta forma, o capital social é mencionado como característica da vida social, redes, normas e confiança, que permitem aos participantes agir em conjunto de forma mais eficaz e buscar objetivos coletivos. Ele transcende as redes de confiança entre

iguais, atingindo, também, as redes entre desiguais. Ainda para o autor, os valores da comunidade, as atitudes de confiança, a reciprocidade e as normas facilitam a ação e a cooperação para benefício mútuo.

Segundo Baquero (apud BECKER, 2012, p. 17), os diferentes conceitos de capital social apresentam alguns aspectos comuns, assim explicitados:

1) integram os campos político, econômico e social e subentendem que as relações sociais influenciam a forma como os mercados e estados operam tanto quanto são influenciados por esses mercados e estados; 2) convergem para a análise das relações entre atores e as maneiras como podem gerar relações estáveis e confiáveis entre eles, incrementando tanto a eficiência individual quanto coletiva; 3) apontam que o capital social pode ser fortalecido, mas esse processo exige uma gama de recursos de natureza variada; e 4) na medida em que os bens, derivados de instituições públicas, não podem ser apropriados privativamente, as pessoas tendem a apoiar as relações sociais e as instituições. Sendo assim, a principal diferença entre o capital social os demais tipos de capital (econômico, cultural, político e organizacional) é a ênfase nas vantagens que resultam para as classes historicamente excluídas.

Considerando as contribuições acima, pode-se definir o capital social como influência mútua da comunidade e seu impacto no desenvolvimento socioeconômico, envolvendo componentes estruturais e cognitivos, e abrangendo o plano individual, o social e o institucional. É a cooperação ampliada socialmente e agregando valor cultural local, potencializando o fator humano, valorizando o associativismo, resgatando os modelos cooperativos e contemplando a dupla dimensão cooperativa. (BAIOTO, 2013).

Schneider (2004, p. 3) reforça a importância das cooperativas na construção do capital social citando que:

A cooperativa é importante instância para ajudar a construir o capital social, hoje tão descuidado e do qual tanto fala Amartya Sen, Prêmio Nobel da Economia em 1998 e também corroborado por Putnam e Coleman. Segundo eles, o desenvolvimento das nações é determinado por um leque de capitais: o capital natural (recursos naturais, terra, água), o capital físico (construções, móveis, veículos), o capital financeiro (dinheiro, ações), o capital humano (educação, saúde) e o capital social. Até recentemente, só os 4 primeiros eram considerados responsáveis pelo crescimento dos povos. Mas, especialmente após a queda dos muros, ficou claro, que eles não eram suficientes para um desenvolvimento equitativo e sustentável. Surgiu daí a tese do capital social, como quinto elemento. Consiste em que as pessoas devem participar de organizações que realizam negócios, com vistas ao progresso social e econômico. O capital social é, portanto, a base da equidade, porque as pessoas confiam umas nas outras, para trabalhar solidariamente. E, parafraseando Roberto Rodrigues, as cooperativas são o cofre para estocar confiança, participação e parceria, elementos do capital

social. Mas, ao mesmo tempo, elas são o braço econômico da organização social.

Nota-se, neste novo contexto, que as organizações perceberam que seus ativos tangíveis (máquinas, equipamentos, dinheiro, etc.) não eram suficientes para a geração de vantagens competitivas e de longo prazo, e que os ativos intangíveis (marca, know-how, tecnologia, patentes, etc.), assumiram um importante papel, agregando valor à empresa e contribuindo para o seu desenvolvimento econômico.

Ampliando este pensamento, Carvalho e Abranches (2008) destacam que cada vez mais em nossa sociedade percebe-se a tendência da valorização de ativos intangíveis em detrimento a ativos físicos, considerando as alterações na forma de trabalho observadas na atualidade. Desta forma, as crenças e valores foram absorvidos pela personalidade organizacional. O conhecimento e o perfil de seus colaboradores apresentam-se como diferencial na construção de uma vantagem competitiva sustentável. Conforme Prusak e Davenport (apud CARVALHO; ABRANCHES, 2008), o ativo material (tangível) da organização só agrega valor real se as pessoas souberem o que fazer com ele e comenta que existem vários ativos tangíveis que, quanto mais se usa, menos tem valor, ao contrário de ativos intangíveis, como o conhecimento, que quanto mais se usa, mais se valoriza. Todos os ativos e estruturas – sejam tangíveis ou intangíveis – são resultados das ações humanas. (CARVALHO; ABRANCHES, 2008).

Katzman (apud BAIOTO, 2014b) destaca a questão do comunitarismo e a solidariedade como ativos disponíveis nos grupos sociais, capazes de ampliar a capacidade de reação destes grupos frente às vulnerabilidades ou constrangimentos coletivos ou individuais.

Relacionando os ativos sociais com cooperativismo, Baioto (2014b, p. 8) destaca:

Estes ativos sociais atuam como elementos geradores um aumento gradual de Capital Social, a ponto de potencializar a organização de um empreendimento cooperativo. Neste sentido, podemos reconhecer que os ativos sociais da cooperativa, identificados na gestão do Capital Social, representam um fator estratégico para o desenvolvimento deste modelo de organização. No entanto o contrário desta ação, ou seja, o descaso com o Capital Social da cooperativa pode gerar sua degradação como empresa social e com base no princípio da reciprocidade, potencialmente precariedade como empresa econômica. Neste sentido, este trabalho pretende contribuir para reflexões mais complexas da relação entre ativos sociais no empreendimento cooperativo, a gestão do Capital Social Cooperativo.

Corroborando com Baioto (2014), Nazzari, Reule e Lazzarotto (2003, p. 5) comentam:

Observa-se assim que, quanto maiores os índices de capital social e humano dos cooperados e funcionários de uma cooperativa, tanto maior será sua chance de desenvolvimento, bem como, mais ampla será sua contribuição para reduzir as desigualdades sociais e, por conseguinte, remetera a níveis positivos para a consolidação da democracia nos países em desenvolvimento.

No próximo item será apresentada a questão da sustentabilidade e seus impactos nas organizações, destacando a sua importância no contexto atual.

## 2.2 SUSTENTABILIDADE E COOPERATIVISMO

Conforme citado anteriormente, a atualidade apresenta às organizações um novo paradigma. Considerando que o termo sustentabilidade está cada vez mais presente no ambiente empresarial, muitas empresas começam a avaliar o que tem maior importância para a sua atividade: crescer indiscriminadamente ou estruturar-se para manter-se viável? Neste contexto, percebe-se que os conceitos de capital social e sustentabilidade possuem um forte laço de interligação, apresentando elementos que evidenciam uma preocupação com o estabelecimento de relações de equilíbrio entre atores que interagem economicamente e socialmente em um mesmo ambiente. Quando se analisa os conceitos de sustentabilidade, percebe-se que o seu atingimento exige uma grande integração dos envolvidos, ou seja, o capital social acaba sendo um recurso para a sustentabilidade das cooperativas. Cooperativas com elevado nível de estoque de capital social têm maior sustentabilidade socioeconômica que as que apresentam um menor nível, pois os associados estão menos vulneráveis, exibindo um número maior de ativos sociais. (MOREIRA et al, 2008).

Diversos autores buscaram uma definição para o termo desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade. Abaixo, cita-se alguns desses autores e suas contribuições para o tema.

A Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento – CMMAD (1991), destaca que a sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável, deve satisfazer as necessidades das gerações presentes sem comprometer as necessidades das gerações futuras. Este conceito deixa clara a ideia de longo prazo, algo essencial quando se trata este tema.

Para Cavalcanti (2003, p. 97), sustentabilidade “significa a possibilidade de se obterem continuamente condições iguais ou superiores de vida para um grupo de pessoas e seus sucessores em dado ecossistema”. Para Cavalcanti, os atuais debates sobre o significado do termo desenvolvimento sustentável demonstram uma preocupação em se estabelecer um

limite para o progresso material e para o consumo, abrindo uma importante discussão sobre a necessidade de rápido crescimento, sem preocupação com o futuro.

Complementando as ideias acima, Simão e Bandeira (2014) destacam que:

Logo é possível definir o desenvolvimento sustentável como sendo um processo intermediário para a busca da manutenção contínua do ambiente onde vivemos, onde a relação de equilíbrio entre as dimensões ambiental, econômica, social, cultural, política e espacial deva ser sempre perseguida com vistas a atingir um estado de equilíbrio constante, denominado sustentabilidade.

Para dar sustentação a uma construção multidimensional da sustentabilidade a partir dos empreendimentos de autogestão, três dimensões analíticas são consideradas essenciais: a dimensão jurídico-econômica, a político-administrativa e a psicossocial. (CATTANI, 2003). Cada dimensão contém elementos relevantes para a sustentabilidade desenvolver-se. Com base nas ideias do autor, apresenta-se uma breve descrição de cada dimensão:

**Dimensão jurídico-econômica:** Abrange todas as ordens legais econômicas impostas ao empreendimento, sejam elas internas ou externas. Nesta dimensão, encontram-se as leis gerais do país e as leis criadas pelos participantes da associação. É a dimensão que guarda as questões de autoridade e de estruturação econômica do empreendimento, como: acesso ao crédito, mercado, parcerias, bens de produção material e intelectual. O ponto chave na análise de sustentabilidade é a correlação entre os aspectos jurídicos e econômicos e sua interdependência.

**Dimensão político-administrativa:** Engloba as questões de poder e do controle, a organização do trabalho e a gestão. Observa-se a relação entre as formas de exercício de poder, as resistências encontradas por parte dos participantes do empreendimento, acesso às instâncias decisórias, instrumentos de informação e formação da força de trabalho. Nesta dimensão há a expressão do poder das leis escritas e das normas explícitas e implícitas das condutas, servindo como regulação social das relações.

**Dimensão psicossocial:** Abrange todo o grupo de relações intersubjetivas entre os participantes entre si e entre os participantes e o empreendimento. A construção de valores coletivos, capazes de gerar a identificação entre os associados e fortalecendo a disponibilidade do indivíduo em trabalhar os seus conflitos, negociando, debatendo e sentindo-se confortável para expressar, aos demais, aspectos inconscientes (medos, fantasias), o que não seria possível dentro de um ambiente onde tal conduta fosse reprimida. Fazem parte desta dimensão os espaços informais de solução de conflitos, de geração de conhecimento e de definição de

metas e princípios orientadores. Seu foco está no estabelecimento de um projeto comum, ultrapassando as condições de submissão e obediência de um sobre o outro.

Cattani (2003, p. 252) ressalta que estas três dimensões “devem ser compreendidas como interdependentes e implícitas umas nas outras”. Sendo assim, nossa análise deve ser realizada considerando esta complexidade. Além disso, o autor destaca que a busca da viabilidade na relação entre autogestão e os seus atores, obriga-nos a definir alguns princípios, citando:

**Princípio da diferenciação:** Trata as diferenças observadas ao se comparar os princípios e a dinâmica do empreendimento, com os princípios e a dinâmica do ambiente onde está inserido o empreendimento. Nesse contexto, é importante que seja analisada a inserção conflitiva com o meio que a cerca, seja econômico, legal, político, valorativo, cultural, administrativo, simbólico, assim como a repercussão deste conflito entre os associados, a fim de definir formas de lidar com eles.

**Princípio da interdependência:** Este princípio destaca que as dimensões de análise propostas não só se autoinfluenciam, mas também, se autoconstituem simultaneamente, ou seja, sempre haverá algo de jurídico econômico e psicossocial no político, e assim por diante. Desta forma, percebe-se que, para existir uma autogestão, é necessário apresentar sustentabilidade tanto jurídica e economicamente, como política e administrativamente e psicossocialmente.

**Princípio da construção crítica:** Abrange as questões de constituição de conhecimento que envolve a construção de significado percebida pelos trabalhadores e aquelas referentes às equipes de pesquisas. Engloba duas percepções diferentes sobre uma mesma realidade, buscando a criação de um espaço para a construção de saber. Com isso percebe-se uma maior possibilidade de implementação de uma autogestão eficiente.

Avaliando que o modelo cooperativista tem em sua essência o desenvolvimento do capital humano, e este capital é a base para se atinja o pleno desenvolvimento de qualquer atividade econômica, e mais, que, nas cooperativas, o capital financeiro retorna aos seus cooperados em forma de investimentos na própria cooperativa e na melhoria da qualidade de vida destes, pode-se deduzir que os empreendimentos cooperativistas, quando bem geridos e sustentáveis, contribuem para a sustentabilidade das localidades onde estão inseridos. O mesmo não ocorre nas empresas mercantis, onde o capital retorna para as mãos de poucos investidores e estes definem em qual região ele será aplicado e, dependendo do interesse, poderão determinar localidades e regiões diferentes daquelas onde o capital foi produzido. (SIMÃO; BANDEIRA, 2014).

Nenhuma empresa consegue manter-se viável se não pensar em seu desenvolvimento sustentável. Outro tema que aparece cada vez mais em destaque ao se falar em gestão é a necessidade da criação de um ambiente que possibilite aos colaboradores serem empreendedores. No próximo item serão abordadas algumas questões sobre o empreendedorismo cooperativo.

### 2.3 EMPREENDEDORISMO COOPERATIVO

Empreendedorismo é o estudo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à criação de um projeto. Sua origem vem do termo empreender que significa realizar, fazer ou executar. O conceito de empreendedorismo foi utilizado inicialmente pelo economista Joseph Schumpeter (1950), que o destacava como motor econômico da sociedade. Nesta perspectiva entende-se que ele é o principal agente do desenvolvimento econômico e social de um local, e que a identificação das oportunidades e a busca dos recursos para transformá-las em negócio lucrativo passa a ser fundamental no papel do empreendedor (BAIOTO, 2014a).

A teoria econômica schumpeteriana mostra que os economistas foram os primeiros a perceberem a importância do empreendedorismo. Seus estudos estavam voltados a compreender a influência do empreendedor e o impacto da sua atuação na economia. Entre os principais economistas nessa teoria destacam-se: Richard Cantillon, Jean Baptiste Say e Joseph Schumpeter.

Buscando o aprofundamento e ampliação do conhecimento sobre empreendedorismo, focado na motivação e no comportamento humano, a teoria dos comportamentalistas foi gerada por especialistas como: psicólogos, psicanalistas, sociólogos, entre outros. Sua ênfase está no indivíduo e destacam-se, nessa teoria, os autores: Max Weber e David C. McClelland. Cabe ressaltar que o seu objetivo não era a oposição à teoria dos economistas e sim ampliar as características dos empreendedores. (BAIOTO, 2014a).

Dornelas (2003) destaca que as definições para empreendedorismo são muitas, mas seu ponto principal está em fazer diferente dos demais, empregando os recursos disponíveis de forma criativa, assumindo riscos calculados, buscando oportunidades e inovando.

Geralmente, quando pensamos na palavra empreendedor, ligamos o termo a um indivíduo com capacidade de inovar, de identificar as oportunidades e colocá-las em prática; uma pessoa com espírito de liderança, que tende a gerar resultados focado em questões de

competitividade. O empreendedor tem como característica básica o espírito criativo e pesquisador e busca constantemente novos caminhos e novas soluções, sempre focando as necessidades das pessoas. Apesar da tendência em relacionar empreendedorismo com uma capacidade pessoal inata, as pesquisas em educação e desenvolvimento humano têm demonstrado que: empreendedorismo é uma habilidade, que somada a conhecimentos tem potencialidade de gerar competências em pessoas ou grupos. (BAIOTO, 2014a).

Para um melhor entendimento do trabalho, destaca-se os dois principais modelos de empreendedorismo encontrados na literatura: o empreendedor individual e o intraempreendedor. Abaixo, apresenta-se uma breve descrição destes modelos:

**Empreendedor individual:** identifica oportunidades, toma liderança, tende a gerar resultados em especial de forma individual. Focado em questões de Ego, competitividade.

**Intraempreendedor:** ou empreendedor interno coletivo, atua em organização com o objetivo de resultados sistêmicos para organização. Avalia o crescimento do grupo como elemento de crescimento pessoal.

Quadro 1 - Relação entre Objetivos da Pesquisa e Questões da Entrevista

Características	Empreendedor	Intraempreendedor
Motivação	Liberdade de ação, Automotivação	Liberdade de ação e recompensa organizacional
Atividades	Arregaça as mangas, colabora com os outros	Delega, mas colabora
Competência	Negócios, Gerência e Política	Empreendedor com mais habilidade política
Interesses	Tecnologia e mercado	Dentro e fora da empresa, mercado
Erros	Aprendizagem com erros	Erros são evitados, mas aprende-se com eles
Decisões	Visão e decisão própria, Ação versus Discussão	Fundamentação
Sistema	Se o sistema não o satisfaz, constrói o seu próprio sistema	Acomoda-se ou provoca curto-circuito
Relações	Negociação	Hierarquia “amiga”

Fonte: Adaptado pelo pesquisador a partir das referências bibliográficas

Considerando que as cooperativas têm como elemento principal a coletividade, o foco do estudo está voltado ao empreendedor coletivo e o seu papel dentro da organização. Na constituição da cooperativa existe um pressuposto relacionado ao empreendedorismo: indivíduos – empreendedores, que se juntam para alcançar objetivos comuns, movidos pela cooperação, ajuda mútua e assumindo a gestão do negócio. (ZUCATTO; SILVA, 2014).

McDonnell, Macknight e Donnelly (apud ZUCATTO; SILVA, 2014) destacam que o empreendedorismo cooperativo é uma forma de empreendedorismo conjunto, que tem como finalidade a formação de uma empresa cooperativa. Ainda conforme estes autores, o empreendedor cooperativo precisa possuir algumas características como: compromisso em trabalhar de forma democrática e para o bem coletivo; vontade de partilhar riscos e recompensas com os demais membros da cooperativa; compromisso com os princípios cooperativos e entendimento de como a cooperação agrega valor ao negócio.

Zucatto e Silva (2014, p. 6) citam que o empreendedorismo cooperativo:

[...] é um processo em que sujeitos portadores de valores e de crenças individuais e coletivas, de experiências e de habilidades, criam um empreendimento coletivo, constituído de bens tangíveis e intangíveis: a empresa cooperativa, para suprir suas necessidades sociais e econômicas e, desta forma, promovem o desenvolvimento das comunidades em que estiverem inseridas, observando-se os princípios do cooperativismo.

Em síntese, pode-se dizer que o empreendedorismo cooperativo refere-se ao processo onde os indivíduos são movidos por valores de mútua ajuda e estão dispostos a compartilhar os benefícios alcançados de maneira conjunta, promovendo a criação de um empreendimento para construir soluções a problemas sociais e econômicos, comuns aos membros deste empreendimento, e fazendo a gestão do mesmo com base nos princípios do cooperativismo. (ZUCATTO; SILVA, 2014).

Mas, apesar das cooperativas nascerem de uma ação empreendedora, para que haja a formação de um ambiente realmente empreendedor, faz-se necessário gerar meios que possibilitem o desenvolvimento do cooperado e da comunidade onde ela está inserida. Nota-se que estruturas menos rígidas, relações com certo grau de informalidade, ritos organizados de recepção, validação, implementação e premiação de ideias, trabalho em equipe, são algumas das condições que favorecem a formação de um ambiente inovador. Desta forma as pessoas focam os seus esforços em torno de uma direção ou estratégia estabelecida, por meio de comunicações livres, transparentes e honestas entre os gestores e o nível operacional. Cabe ressaltar que os gestores precisam estar preparados para administrar emoções e relacionamentos e essa competência é uma condição tão importante para o sucesso quanto a capacidade intelectual. (CARVALHO; ABRANCHES, 2008).

Dornelas (2003) cita que a implementação sistematizada de um ambiente empreendedor nas organizações tem sido um importante recurso na busca da conciliação dos desafios atuais da organização com os desafios futuros, mantendo o foco e otimizando os

recursos organizacionais. Neste contexto, as pessoas se sentem mais confortáveis na busca de soluções inovadoras para a execução das tarefas e resolução de problemas. A estrutura organizacional e a cultura estabelecida são fatores importantes nesse processo, elas precisam estar preparadas para o novo contexto. Caso a cultura da empresa seja de centralização da informação, competição exagerada e manipulação, dificilmente ela conseguirá instaurar um ambiente que seja coletivamente empreendedor, pois haverá pouca confiança e cooperação entre os envolvidos.

A situação exposta acima se identifica nos ambientes cooperativos. Para o associado ter uma participação realmente inovadora dentro da cooperativa, auxiliando na busca de soluções para as diversidades e inovando na execução de suas atividades, necessita-se de um alto grau de confiança e integração dos cooperados, ou seja, quanto maior o capital social da organização, maiores serão as possibilidades da empresa instalar uma cultura empreendedora. Para Carvalho e Abranches (2008, p. 10), “os empreendedores corporativos querem estar à frente das mudanças, querem criar algo novo, têm um desejo forte de autonomia e independência e são autoconfiantes. Mantém seu ponto de vista mesmo diante da oposição ou de resultados inicialmente desanimadores”.

No próximo item serão apresentadas as questões pertinentes aos ramos do cooperativismo, enfatizando o ramo onde a Coopersinos está inserida e os principais desafios encontrados.

## 2.4 RAMOS DO COOPERATIVISMO

Atualmente no Brasil há uma divisão de 13 ramos distintos para as cooperativas. Esta divisão origina-se do grupo de necessidades que cada uma apresenta e sua base são os modelos da Aliança Cooperativa Internacional – ACI, e da Organização das Cooperativas da América – OCA. A seguir, apresenta-se uma breve descrição dos 13 ramos, conforme detalham Zurita; Campos e Melchor (2006) e Brasil (2012):

**Agropecuário:** Este ramo abrange as cooperativas de produtores rurais e de pesca que procuram aperfeiçoar o processo de produção, bem como obter melhores condições de venda para seus produtos. A agricultura brasileira tem se desenvolvido e conquistado posição de destaque internacional, pois é responsável por uma grande parcela da produção de trigo, leite, carne, mel, hortifrutigranjeiros, aguardente, milho, soja e seus derivados. Destaca-se, também,

os investimentos em pesquisas e experimentação para garantia do desenvolvimento e aumento da produção.

**Consumo:** Este ramo é formado por cooperativas que buscam melhores condições de compra de produtos de consumo, podendo garantir ao seu quadro social artigos com preços mais acessíveis, tais como: alimentos, roupas, medicamentos, dentre outros.

**Crédito:** Constituído por cooperativas de crédito rural e urbano, sua função está em promover a poupança e financiar as necessidades de seus associados, com melhores condições que as praticadas pelos bancos comerciais. O cooperativismo de crédito surgiu em 1902 e, apesar de enfrentar vários obstáculos, chegou à década de 90 com uma forte credibilidade e conquistando espaço dentro do mercado financeiro.

**Educacional:** Agrupa cooperativas de professores, de alunos, de pais de alunos, que se juntam para conquistar uma melhor qualidade de ensino, melhores condições de trabalho e renda, aliando qualidade educacional com um preço justo.

**Especial:** Neste ramo encontram-se as cooperativas formadas por portadores de necessidades especiais, por menores de idade com situação familiar econômica e social difícil ou outros grupos que necessitem de tutela ou que se encontrem em situação de desvantagem. Elas visam o desenvolvimento da cidadania, o resgate da autoestima e, a inserção de seus cooperados no mercado de trabalho.

**Habitacional:** Ramo formado por cooperativas destinadas a viabilizar a compra ou a construção da casa própria, ou ainda para manter e administrar conjuntos habitacionais para seus associados.

**Infraestrutura:** Formado pelas cooperativas que têm como objetivo atender de forma direta e prioritária, as necessidades de seus associados, com relação a serviços de infraestrutura básica, prestando serviços de eletrificação, saneamento e telecomunicações.

**Mineral:** Agrupa cooperativas que atuam no setor de mineração, que têm como finalidade pesquisar, extrair, lavar e comercializar produtos minerais, permitindo aos associados uma alternativa de trabalho autônomo. Incluem-se nesse ramo as cooperativas constituídas por garimpeiros, quebradores de pedras, trabalhadores na extração de areia, pedra e pedregulho, entre outros. Garantem a disseminação de técnicas mais atualizadas e racionais de exploração, fortalecendo o setor e gerando vantagens para todos.

**Produção:** cooperativas dedicadas à produção de um ou mais tipos de bens e mercadorias, sendo os meios de produção, propriedade coletiva, através da pessoa jurídica. No caso de empresas que entram em processo de falência, a cooperativa de produção,

geralmente, é a alternativa para a manutenção dos postos de trabalho. Os associados são donos coletivos dos meios de produção.

**Saúde:** Ramo composto por cooperativas de médicos, psicólogos, odontólogos e por usuários destes serviços. As cooperativas de saúde são para os usuários, sinônimo de qualidade e credibilidade, com um custo mais baixo. Para os profissionais da área, a vantagem também é grande, possibilitando condições favoráveis para o exercício da profissão e visando uma remuneração mais justa.

**Trabalho:** Agrupa cooperativas de profissionais de diversos segmentos, que prestam serviços a terceiros. É um ramo muito abrangente, uma vez que, integrantes de qualquer área profissional podem se organizar em cooperativa. Os associados são a própria mão de obra, não há empregados na atividade fim e todos participam na gestão e prestação de serviços. São destaques nesse ramo as cooperativas constituídas por: carregadores, vigilantes, trabalhadores da construção civil, garçons, garis, cabeleireiros, artistas de teatro, costureiras, catadores de materiais recicláveis, auditores, consultores, entre outros.

**Transporte:** Neste ramo estão classificadas as cooperativas que atuam no transporte de passageiros, cargas (líquidas e secas), escolares, motos-boy, transportes de veículos, etc. Inicialmente essas cooperativas pertenciam ao ramo trabalho, mas que pelas suas atividades e necessidades na resolução de problemas cruciais, inerentes à área, a Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB, aprovou a criação desse ramo.

**Turismo e lazer:** Este é o ramo que agrupa as cooperativas que prestam serviços turísticos, artísticos, de entretenimento, de esportes e de hotelaria. Visa organizar as comunidades para disponibilizarem o seu potencial turístico, hospedando os turistas e prestando-lhes toda ordem de serviços, e, simultaneamente, organizar os turistas para usufruírem desse novo processo mais econômico, educativo e prazeroso. O ramo do turismo e lazer pode contribuir significativamente para a geração de oportunidades de trabalho, distribuição da renda e preservação do meio ambiente.

Conforme citado anteriormente, a Coopersinos, foco desta pesquisa, é uma cooperativa do ramo da saúde, formada por usuários deste tipo de serviço. Cabe ressaltar que as cooperativas de usuários de serviços de saúde se diferem das demais cooperativas, formadas por profissionais da saúde, pois sua finalidade é garantir acessos a estes serviços, ou seja, um benefício. Já as cooperativas formadas por profissionais da área da saúde têm por finalidade garantir trabalho e renda aos seus associados.

Percebe-se que, devido às alterações no perfil socioeconômico brasileiro, ocorridas nos últimos anos, as expectativas da população se expandiram. Se antes as principais

preocupações estavam voltadas somente à alimentação e moradia, hoje, com a ascensão social de muitos brasileiros, esta população expandiu suas expectativas para a questão da saúde. Essa movimentação é uma oportunidade de negócio em potencial para as cooperativas de saúde. (REVISTA UNIMED BR, 2014).

Nos últimos 14 anos, no Brasil, o número de beneficiários de planos de saúde privado subiu de 33,7 milhões para 68,5 milhões. Esse crescimento acelerado, somado ao avanço de novas tecnologias, o envelhecimento da população e o aumento da taxa de utilização dos serviços pelos beneficiários, obrigam os prestadores de serviços de saúde a repensarem a sua atividade. (SAÚDE SUPLEMENTAR, 2014).

As novas tecnologias médicas são os principais desafios encontrados para os empreendimentos de saúde de todo o país. Estas tecnologias são as responsáveis pelos altos custos assistenciais e encarecimento dos planos, conforme cita a médica Laís Perazo Nunes de Carvalho, diretora de atendimento da Assistência Médica Internacional S/A. - Amil. O aumento do número de consultas per capita também impacta nos custos e preocupa a gestão. (SAÚDE SUPLEMENTAR, 2014).

Um dos desafios do setor saúde é a necessidade de investimento, dentro de um modelo de economia que se encontra em um período de estagnação. Desta forma, é inevitável que sejam criadas formas inovadoras para atender as demandas da população e a análise de quais serviços devem ser priorizados dentro do atual modelo. (REVISTA UNIMED BR, 2014).

O envelhecimento da população também se mostra como um desafio para o setor saúde. Quando a operadora de saúde apresenta um grupo de associados com uma faixa etária elevada, os altos gastos dos tratamentos e eventos de internação acabam sendo uma grande preocupação da gestão, obrigando os planos a buscarem alternativas para diminuir este custo, sem privar o acesso do associado aos melhores tratamentos. (ABDO, 2011).

Outro ponto que vem sendo discutido relaciona-se à forma de remuneração dos hospitais, pois, conforme o Sr. Maurício Ceshim, diretor-presidente da ANS, o sistema atual é perverso e incentiva o consumo, pois quanto maior a quantidade de insumos utilizada durante a internação de um paciente, maior será o valor pago pela operadora. Cabe ressaltar que, de certa forma, o valor gasto pela operadora com os sinistros de seu grupo de associados acaba sendo parcialmente repassado no momento dos reajustes de valores dos planos. (ABDO, 2011).

Encerram-se, com isso, as abordagens teóricas sobre o capital social e sua relação com a sustentabilidade dos empreendimentos cooperativos. Encerram-se também, as considerações sobre o empreendedorismo cooperativo e os ramos de cooperativas conforme classificação da

Aliança Cooperativa Internacional – ACI, e da Organização das Cooperativas da América - OCA.

No próximo capítulo, abordar-se-á o método utilizado para a realização da coleta e análise de dados empregados para a elaboração desta pesquisa.

### 3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Este capítulo exhibe a metodologia e os procedimentos utilizados neste estudo, como o delineamento da pesquisa, definição da área e população-alvo de estudo, as técnicas utilizadas na coleta e análise de dados e as limitações do método de estudo.

#### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa, utilizou-se o método qualitativo exploratório, baseado em levantamento bibliográfico e documental. Acredita-se que, desta forma, serão atingidas todas as variáveis necessárias para responder a questão norteadora do mesmo.

Esta pesquisa é um estudo de caso porque busca investigar qual o nível de capital social percebido na Coopersinos e de que forma pode-se fortalecer este capital, ou seja, investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real. (GIL, 2011).

Pesquisas exploratórias são realizadas com o objetivo de obter uma visão geral acerca do tema. Este tipo de pesquisa geralmente é utilizado quando o tema foi pouco explorado. (GIL, 2011). O autor ainda ressalta que pesquisas de abordagem exploratória envolvem, além de pesquisas bibliográficas, entrevistas com pessoas que possuem alguma experiência prática relacionada ao assunto do problema da pesquisa, assim como, a avaliação de exemplos que auxiliem na compreensão. Como a pesquisa exploratória tem como objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, esta foi escolhida para o presente trabalho, sendo envolvido pelo levantamento bibliográfico e estudo de caso.

Conforme Yin (2001), a investigação com base no estudo de caso possibilita um recorte epistemológico que potencializa uma perspectiva, uma vez que o micro tende a se desenvolver com referência a um contexto maior.

#### 3.2 DEFINIÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE

A população da pesquisa é formada por associados da Coopersinos. Foram selecionados integrantes dos Conselhos Administrativo e Fiscal da cooperativa, funcionários, e associados que estão vinculados à mesma há menos de 5 (cinco) anos, mais de 5 (cinco) anos e mais de 10 (dez) anos.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada com doze (12) associados da Coopersinos, sendo 4 (quatro) indivíduos de cada categoria de análise por tempo. As falas da população-alvo deste estudo estão dispostas da seguinte maneira:

Quadro 2 - Sujeitos da Pesquisa

SUJEITOS DA PESQUISA	
Entrevistado 1	Menos de 5 anos
Entrevistado 2	Menos de 5 anos
Entrevistado 3	Menos de 5 anos
Entrevistado 4	Menos de 5 anos
Entrevistado 5	Mais de 5 anos
Entrevistado 6	Mais de 5 anos
Entrevistado 7	Mais de 5 anos
Entrevistado 8	Mais de 5 anos
Entrevistado 9	Mais de 10 anos
Entrevistado 10	Mais de 10 anos
Entrevistado 11	Mais de 10 anos
Entrevistado 12	Mais de 10 anos

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A distribuição da população selecionada para a análise buscou identificar se há diferenças entre o nível de capital social percebido entre os associados, conforme o tempo de vínculo destes com a cooperativa.

A seguir, será apresentada a técnica utilizada para a coleta de dados.

### 3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A etapa da coleta de dados é a fase em que o pesquisador inicia a busca pelas informações que possam dar prosseguimento à sua pesquisa científica. Para a pesquisa bibliográfica, realizou-se a revisão da literatura sobre a temática em livros, revistas, teses, dissertações, redes eletrônicas, com dados pertinentes ao assunto, e pesquisa documental, valendo-se de materiais como atas de participação em Assembleias, Estatuto Social, Regimento Interno, entre outros documentos internos da organização.

Além disso, para esta etapa foram realizadas entrevistas através de um questionário. Desta forma, o método utilizado na técnica de coleta de dados foi qualitativo, sendo formulado um roteiro de entrevista, apoiado nos objetivos da pesquisa, com perguntas abertas

e fechadas, que foi aplicado de forma individual. Seu objetivo foi medir o grau de proximidade do associado com a cooperativa e quais as práticas que poderiam ser utilizadas para proporcionar o fortalecimento do capital social.

O questionário apresentava uma pequena introdução, esclarecendo ao entrevistado a abordagem do tema capital social, escolhida para o trabalho. As perguntas foram distribuídas em 09 (nove) questões abertas e 02 (duas) questões fechadas e enviadas por meio eletrônico aos participantes. Foram enviados 30 (trinta) questionários, divididos igualmente, conforme as três categorias escolhidas, sendo que 18 (dezoito) associados os devolveram respondidos. O período de recebimento do material respondido foi de 22 de setembro de 2014 a 26 de setembro de 2014. Conforme citado anteriormente, do material recebido, optou-se por analisar em profundidade 12 entrevistas, que se mostraram mais representativas quanto aos objetivos propostos para análise.

Segundo Roesch (1999, p. 142), “o questionário não é apenas um formulário, ou um conjunto de questões listadas sem muita reflexão. O questionário é um instrumento de coleta de dados que busca mensurar alguma coisa”.

Apresenta-se, a seguir, um quadro elaborado pelo pesquisador a partir dos objetivos da pesquisa e das questões de entrevista que interagem com o referencial teórico.

Quadro 3 - Relação entre Objetivos da Pesquisa e Questões da Entrevista

OBJETIVOS	ESTUDO DE CASO
	Associados da Coopersinos
Analisar o nível de capital social da Coopersinos e identificar o seu impacto na gestão.	
Conceituar capital social dentro do contexto da cooperativa, demonstrando a sua importância para a organização.	1) A quanto tempo você está vinculado à cooperativa? ( ) menos de 5 anos      ( ) mais de 5 anos      ( ) mais de 10 anos 2) Que motivos lhe levaram a aderir à cooperativa?
Identificar o grau de comprometimento do cooperado com a cooperativa.	3) Na sua percepção, qual a importância dos Princípios do Cooperativismo para a atividade da cooperativa? 4) De que forma você participa das atividades da cooperativa? 5) Você já participou de algum dos Conselhos (Administrativo ou Fiscal) da cooperativa? Já pensaste em participar? 6) Em que momentos você costuma contatar (por telefone ou presencialmente) com a cooperativa? 7) Nos últimos 5 anos, de quantas Assembleias Gerais Ordinárias você participou?
Verificar quais os motivos do distanciamento dos associados em relação à Coopersinos.	8) Dentro da atividade da cooperativa, que outras atividades você gostaria que a cooperativa realizasse? 9) Na sua concepção, que situações o afastam/afastariam da Cooperativa? 10) Considerando a relação entre a cooperativa e os seus associados, qual a sua percepção sobre a cooperativa? 11) A principal função da cooperativa é gerar benefícios coletivos aos cooperados. Você avalia que a continuidade ou qualidade deste serviço tem relação com a sua maior ou menor participação no processo de gestão da cooperativa? ( ) Sim, me sinto responsável pelos rumos da cooperativa e serviços prestados. ( ) Não me sinto responsável pelos rumos da cooperativa e serviços prestados.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

### 3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados coletados pela pesquisa, foi utilizada a Análise Textual Discursiva. Conforme Moraes e Galiuzzi (2007), a análise textual discursiva consiste em um exame criterioso e rigoroso das informações coletadas. Essa técnica, aliada à pesquisa qualitativa, pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga. Desta forma, ela divide-se em quatro focos distintos:

a) Desmontagem dos Textos: Consiste em examinar os textos e seus detalhes, recortando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.

b) Estabelecimento de Relações: Este processo abrange a construção de relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que coligam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias.

c) Captando o Novo Emergente: A intensa impregnação nos materiais da análise, desencadeada nos dois pontos anteriores, possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante deste processo representa um esforço de explicar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores.

d) Um Processo Auto-Organizado: O ciclo de análise, ainda que composto de elementos racionalizados e, em certa medida, planejados, em seu todo pode ser compreendido como um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais, criativos e originais não podem ser previstos. Mesmo assim, é essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência de novo possa concretizar-se.

Acredita-se que o método de coleta de dados proporcionará à pesquisa as contribuições necessárias para responder as questões norteadoras da mesma.

### 3.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

O método escolhido para este projeto trará algumas limitações, entre elas a possível indisponibilidade de alguns dos profissionais que fazem parte da pesquisa, devido suas extensas agendas de compromisso.

A complexidade das variáveis sociais analisadas nesse tipo de estudo dificulta a mensuração dos resultados. Isto porque elas não podem ser medidas com escalas tão exatas como a linear; além de não existirem para comparação, padrões de medidas universalmente definidos e aceitos.

Salienta-se que as informações levantadas representam somente às opiniões das pessoas entrevistadas, servindo apenas como base para o estudo proposto e não para generalização de sentimentos e percepções de todos os indivíduos pertencentes à cooperativa.

A complexidade do tema e a pouca experiência do autor também são limitadores a serem considerados.

Por último, a influência exercida pelo aspecto pessoal e opiniões do pesquisador podem gerar distorções em suas interpretações. Dessa forma, o resultado dependerá muito da capacidade do mesmo de interpretar os fatos.

Acompanhe, a seguir, a apresentação e a análise dos dados.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados com os sujeitos da pesquisa, associados da Coopersinos, durante a aplicação dos questionários formulados pelo pesquisador.

### 4.1 CATEGORIA 1: MOTIVAÇÕES DOS ASSOCIADOS PARA ADERIREM A COOPERSINOS

Analisando os resultados dos questionários, verificou-se que, apesar dos entrevistados apresentarem diferentes tempos de vínculos com a cooperativa, ambos os grupos de entrevistados aderiram à Cooperativa tendo como motivo principal a garantia do acesso, próprio e de seus dependentes, a um plano de saúde. Essa garantia vem ao encontro do objetivo principal da Coopersinos, que é propiciar ao seu grupo de associados o acesso aos serviços de saúde, através da gestão de uma rede credenciada. Cabe lembrar que historicamente as cooperativas são formadas com a missão de satisfazer as necessidades coletivas de um grupo ou comunidade, possibilitando aos participantes alcançarem situações e objetivos que dificilmente seriam alcançados sozinhos. (SCHNEIDER, 2003).

Um fato que chamou a atenção do pesquisador no momento da análise é que, dos três grupos analisados, no grupo que abrange associados com tempo de vínculo menor do que cinco anos, identifica-se que 75% (setenta e cinco por cento) dos entrevistados têm como fator preponderante da adesão a chance de incluir-se a um plano de saúde. Para Valadares (2003, p. 21):

Os indivíduos buscam satisfazer seus interesses pessoais por meio de cooperativas, quando verificam que a ação solidária é mais vantajosa do que a ação individual (é a capacidade equilibradora da cooperativa). Embora se considere o interesse individual dos associados como o objetivo da entreatajuda cooperativa, não se prioriza o indivíduo em detrimento do coletivo: ambos são importantes na cooperativa.

Este percentual apresenta-se menor entre as pessoas que são associadas há mais de cinco e dez anos.

A questão da parceria entre a Universidade e a Coopersinos fica explícita em algumas das respostas, pois, atualmente, é a principal opção oferecida, conforme se pode perceber na resposta dos Entrevistados 4 e 9:

*“[...] Interesse pelo convênio médico oferecido pela empresa [...]”*. (ENTREVISTADO 4).

*“[...] por ser a única opção de plano de saúde que a Universidade oferece [...]”*. (ENTREVISTADO 9).

A qualidade dos serviços prestados pela Cooperativa e abrangência da rede de atendimento também são fatores considerados importantes pelos funcionários e professores da Universidade no momento de realizarem a sua adesão à Cooperativa. Esse aspecto fica evidente nos relatos dos Entrevistados 6 e 11:

*“[...] Os motivos que me fizeram aderir à cooperativa foram a abrangência e a qualidade do serviço [...]”*. (ENTREVISTADO 6).

*“[...] Para ter acesso aos serviços de saúde por ela oferecidos através de convênios com os prestadores [...]”*. (ENTREVISTADO 11).

Avaliando as respostas dos 12 (doze) entrevistados, identifica-se que somente um dos participantes, cujo vínculo com a Cooperativa é superior a 10 (dez) anos, cita a questão da proposta do cooperativismo como um dos motivos avaliados no momento de realizar a adesão. Mais de 90% dos entrevistados não mencionaram este fato como algo considerado importante no momento de sua escolha.

#### **4.1.1 Sub-Categoria 1: A questão econômica como fator preponderante na avaliação dos cooperados no momento de sua adesão**

As questões econômico-financeiras surgem como o segundo motivo mais considerado pelos entrevistados ao analisar a proposta da Coopersinos. A seguir citam-se alguns dos comentários feitos pelo grupo de entrevistados, que evidenciam a circunstância exposta:

*“[...] Convênio médico com ótimos valores [...]”*. (ENTREVISTADO 7).

*“[...] Pela oportunidade do convênio médico e também a questão do fundo que é bem interessante [...]”*. (ENTREVISTADO 8).

*“[...] É uma excelente opção no mercado [...]”*. (ENTREVISTADO 12).

Valadares (2003, p. 37) ressalta a questão econômica como motivador para a criação de empreendimentos cooperativos, dizendo:

Ao se analisar a motivação fundamental dos indivíduos para a criação de uma organização societária sob a forma de empreendimento coletivo, observa-se que os empreendimentos econômicos cooperativos surgem em virtude da posição que tomam entre as economias dos sócios, de um lado, e o mercado, de outro. Constituem-se em economias comuns intermediárias, que, incumbidas pelos sócios, obtêm ou colocam determinados serviços, executando, mediante essa obtenção ou colocação, uma atividade própria.

Corroborando com o autor, Schneider (apud BAIOTO, 2008), destaca que esta configuração ocorre, porque o motivo do sócio cooperado de estar na cooperativa é exclusivamente o de agregar vantagem econômica, não tendo este qualquer envolvimento com a proposta que pauta o cooperativismo.

Ressalta-se que a Universidade realiza quinzenalmente um momento de integração para todos os novos funcionários e, semestralmente, a integração dos novos professores. Nestes dois momentos, a Coopersinos tem a oportunidade de apresentar o seu trabalho, explicando aos participantes o seu funcionamento e destacando as vantagens de pertencer a uma cooperativa de saúde e da cooperação entre os associados. Considerando que a ideia do cooperativismo é disseminada aos novos professores e funcionários, mas esse fato não é julgado por estes como um fator importante ao avaliar a possibilidade de sua adesão, entende-se que a abordagem utilizada pelos representantes da Coopersinos, nos momentos de interação com o grupo, não está sendo eficaz a ponto de transmitir com clareza o seu objetivo.

Nesse sentido, Schneider (apud BAIOTO, 2008) alerta que a transmissão errônea e parcial da proposta cooperativa tem consequências danosas para o cooperativismo, pois, ao mesmo tempo em que não representa significado de adesão aos valores e princípios por parte dos cooperados, também representa uma imagem negativa sobre a estrutura proposta pelo cooperativismo.

Nesta categoria apresentaram-se os principais motivos avaliados pelos associados no momento de aderirem à cooperativa. No próximo grupo de análises serão demonstradas as percepções destes indivíduos com relação aos Princípios do Cooperativismo e o seu papel como cooperado.

## 4.2 CATEGORIA 2: AS PERCEPÇÕES DOS ASSOCIADOS COM RELAÇÃO AOS PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO E O SEU PAPEL COMO COOPERADO

Conforme citado anteriormente, o empreendimento cooperativo se fundamenta em um grupo de orientações que estabelecem a forma de relacionamento entre a cooperativa e seus membros (VALADARES, 2003), ou seja, os Princípios do Cooperativismo são essenciais para a sua existência. Ao se questionar os participantes da pesquisa sobre a importância destes princípios para a atividade da cooperativa, 40% (quarenta por cento) dos entrevistados não quiseram opinar, explicitando a falta de conhecimento sobre o tema, conforme pode ser percebido nos relatos abaixo:

*“[...] Não tenho como responder esta questão [...]”*. (ENTREVISTADO 5).

*“[...] Não posso opinar, pois não conheço os princípios [...]”*. (ENTREVISTADO 7).

*“[...] Sinceramente, não tenho conhecimento dos princípios do Cooperativismo, por isto, me sinto inseguro para opinar [...]”*. (ENTREVISTADO 9).

No mesmo contexto do grupo acima, 25% (vinte e cinco por cento) dos participantes não responderam o questionamento sobre os princípios de forma clara, evidenciando que os mesmos não tinham o conhecimento necessário para responder.

Destaca-se que a grande maioria dos entrevistados alocados nos grupos citados acima se encontram entre os cooperados com menos tempo de vínculo com a Cooperativa. No grupo de associados com mais de dez anos de vínculo com a Cooperativa, somente um indivíduo desconhece os Princípios do Cooperativismo.

Schneider (2003) destaca que compreender a falta de conhecimento dos cooperados sobre os princípios cooperativos, quando estes ingressam na cooperativa, é relevante, afinal o fazer-se cooperado requer uma educação voltada para este fim. No entanto, não é aceitável que este continue na ignorância após manter-se na cooperativa.

A falta de participação dos entrevistados nas atividades da cooperativa mostrou percentuais bastante elevados. A grande maioria dos participantes da pesquisa sinalizou que participam da cooperativa somente como usuários dos serviços prestados por ela, não se envolvendo com a sua gestão. Dos 12 entrevistados, somente dois deles, que pertencem a Cooperativa há mais de dez anos, sinalizaram que já participaram ou estão participando dos Conselhos Administrativo e Fiscal. O pesquisador entende que o tipo de participação dos

cooperados confirma a condição inicial identificada na pesquisa, sobre os fatores que motivam o indivíduo a aderir à Coopersinos, ou seja, a prestação de serviços de saúde. O distanciamento percebido entre os cooperados e a Cooperativa começa a ficar mais evidente nas análises e nos discursos:

*“[...] Apenas participo frequentemente com o uso dos convênios que são oferecidos, já realizei vários exames, consultas e atendimento odontológico. Em relação a outras atividades, nunca participei [...]”*. (ENTREVISTADO 1).

*“[...] Utilizando os serviços disponíveis [...]”*. (ENTREVISTADO 5).

*“[...] Principalmente pelo plano de saúde [...]”*. (ENTREVISTADO 12).

#### **4.2.1 Sub-Categoria 1: O baixo índice de participação dos cooperados nas decisões da Coopersinos**

Referente às questões 5, 6 e 7, estas tinham por intenção identificar o grau de comprometimento do cooperado com as atividades e a gestão da cooperativa, trazendo temas avaliados pelo pesquisador como relevantes no momento de aferir o grau de interação entre os associados e a Instituição. Cabe lembrar que a Coopersinos atende um grupo específico de pessoas ligadas à Universidade e que circulam, em sua maioria, semanalmente, pelo campus universitário, onde a sua sede fica localizada.

No conjunto de respostas das questões citadas acima, nota-se que mais de 50% (cinquenta por cento) dos entrevistados nunca participaram de nenhum dos Conselhos da Cooperativa, Administrativo e Fiscal, e, neste momento, não cogitam em participar. Percebe-se que quanto menor o tempo de vínculo com a Coopersinos, maior o grupo de pessoas que não se interessa pela gestão desta. Abaixo destaca-se alguns dos relatos dos integrantes da pesquisa ao serem questionados sobre a intenção de participação nos órgãos representativos da cooperativa:

*“[...] Nunca participei e no momento não penso em participar [...]”*. (ENTREVISTADO 1).

*“[...] Nunca participei e no momento não penso nesta possibilidade, tendo em vista a falta de tempo [...]”*. (ENTREVISTADO 6).

*“[...] Não e nunca pensei em participar [...]”*. (ENTREVISTADO 9).

Acredita-se que, conforme o relacionamento dos funcionários e professores da Universidade cresce, esta relação gera reflexo na participação destes dentro da Cooperativa, pois nota-se que, geralmente, os novos conselheiros entram através de convites de pessoas que estão há um tempo maior na Cooperativa e que possuem algum vínculo laboral.

O grupo de associados vinculado à Cooperativa há mais de dez anos foi o único a apresentar pessoas que participam ou participaram ativamente dos Conselhos, pois entendem a necessidade de dar a sua contribuição à gestão do empreendimento. Esse fato ajuda a compreender a grande dificuldade encontrada por alguns associados na formação de chapas para concorrer aos Conselhos Administrativo e Fiscal, e o fato de alguns componentes dos Conselhos se manterem na gestão da Cooperativa por longos períodos. Nestes 21 anos de história da Coopersinos, poucas vezes teve mais de uma chapa concorrendo nas eleições dos seus representantes.

Analisando as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa e considerando que, conforme Putnam (1996), o capital social está presente em todas as interações dos atores sociais, desde a conversa com os vizinhos até a filiação a partidos políticos, pode-se concluir que a Coopersinos apresenta um baixo nível de capital social, pois os seus integrantes apresentam uma convivência muito limitada, impossibilitando assim, a construção de valores coletivos, normas e redes de confiança entre os cooperados.

A relação utilitarista, já identificada nas questões que buscaram avaliar os fatores que motivam as pessoas a aderirem à cooperativa, fica novamente em evidência ao se questionar o grupo de entrevistados sobre em quais momentos o mesmo contata com a Coopersinos, conforme os relatos abaixo:

*“[...] Só entro em contato, quando tenho alguma dúvida de locais que posso ser atendida [...]”.* (ENTREVISTADO 1).

*“[...] Quando necessito de alguma informação referente ao convênio, exames ou saldo da conta [...]”.* (ENTREVISTADO 3).

*“[...] Geralmente contato para sanar dúvidas relacionadas ao convênio [...]”.* (ENTREVISTADO 8).

*“[...] Procuro a Cooperativa quando tenho alguma dúvida sobre autorizações de procedimentos, negociações de dívidas ou ressarcimentos [...]”.* (ENTREVISTADO 12).

A participação do grupo de cooperados nas Assembleias Gerais Ordinárias pode servir como parâmetro importante ao se analisar a relação entre associados e o empreendimento cooperativo. Verifica-se que na Coopersinos, o número de pessoas que participam destes momentos é extremamente baixo, conforme as assinaturas nas atas de controle de presença. Esta situação replica-se nas respostas dadas pelos participantes da pesquisa. Avaliando o tempo de vínculo de cada associado e o número de Assembleias realizadas durante este período, nota-se que nenhum dos entrevistados apresentou um percentual de frequência maior do que 50% (cinquenta por cento).

Considerando a linha de corte utilizada na formulação da questão, que analisa somente os últimos cinco anos da Cooperativa, 75% (setenta e cinco por cento) dos indivíduos relataram não participar de nenhuma Assembleia. Novamente o grupo de pessoas que está há mais tempo ligado à Coopersinos foi o que apresentou um maior percentual de participação. Destaca-se que as pessoas que participam mais ativamente das atividades da cooperativa são aquelas que já estiveram ou estão ligadas aos seus órgãos representativos.

A análise desta situação instiga a questionar quais os motivos desta falta de interesse dos cooperados em participar das decisões de um empreendimento que, de acordo com as respostas anteriores, eles consideram importante, pois garante um benefício a eles e aos seus familiares, além de apresentar uma vantagem econômica. Schneider (2003) reforça que a participação ativa dos associados é, antes de um direito, um dever do cooperado.

#### 4.3 CATEGORIA 3: FATORES DE APROXIMAÇÃO E AFASTAMENTO DO ASSOCIADO E A RELAÇÃO COOPERSINOS COOPERADO

A questão 8 tinha como objetivo perceber o nível de satisfação dos associados com relação às atividades desempenhadas pela cooperativa e o grau de interesse destes cooperados em participar destas atividades, sugerindo àquelas que consideram importantes para serem incluídas no calendário de atividades da cooperativa. Sabe-se que, nos últimos anos, a Coopersinos realizou poucas atividades como palestras, seminários, reuniões, e um dos fatores que desmotivaram a realização destes eventos foi a baixa adesão dos associados.

Analisando as respostas da questão 8, identifica-se que 58% (cinquenta e oito por cento) dos entrevistados ou não tinham nenhuma sugestão a ser dada, ou disseram estar satisfeitos com a atividade, conforme os relatos a seguir:

*“[...] Até o momento, atende todas as minhas necessidades e não tenho nada a solicitar [...]”.* (ENTREVISTADO 1).

*“[...] As atividades atualmente desempenhadas pela cooperativa me satisfazem, sendo assim, eu não tenho nenhuma sugestão para esse questionamento [...]”.* (ENTREVISTADO 6).

*“[...] No momento eu não tenho nenhuma sugestão [...]”.* (ENTREVISTADO 8).

Continuando a análise dos relatos citados, pode-se concluir que, talvez pela perspectiva do associado, que entende a cooperativa somente como um prestador de serviços, o fato de ela proporcionar a utilização da rede de prestadores de serviço de saúde já satisfaz suas expectativas. Para a maior parte do grupo de análise, a falta de atividades que gerem mais integração e informação entre os cooperados não é vista como uma necessidade.

Ainda com relação à questão 8, 25% (vinte e cinco por cento) das respostas traziam indicações de outras atividades que poderiam ser agregadas ao que já é disponibilizado pela Coopersinos. Sabe-se que as indicações feitas por estes associados estão em desacordo com as questões do Regimento Interno da Cooperativa e relacionadas a questões pessoais dos entrevistados. Ressalta-se que esta situação é percebida no primeiro grupo de análise, cujo tempo de vínculo com a cooperativa é menor.

Além disso, 17% (dezessete por cento) dos entrevistados, todos pertencentes ao terceiro grupo de análise, sugeriram que a Cooperativa pudesse fazer mais atividades que suprissem com informações o seu grupo de associados, destacando, principalmente, as palestras. Nesse sentido, cita-se a resposta do Entrevistado 9, que sinaliza a questão de atividades que possam aproximar Cooperativa e cooperados:

*“[...] Poderia promover palestras sobre saúde e bem-estar, enviar boletins sobre temas de saúde. Atividades que possam aproximar a Cooperativa dos associados [...]”.* (ENTREVISTADO 9).

A pergunta 9 tinha como intenção verificar os motivos que levam o associado a não participar mais ativamente da Coopersinos e de suas atividades. Ao serem questionados sobre situações que os afastam, ou afastariam, da Cooperativa, verifica-se, nos três grupos de análise, dois grandes motivos: 1) uma prestação de serviços de má qualidade; 2) o aumento abusivo dos valores. Somente dois entrevistados trouxeram como motivo de um possível afastamento, situações relacionadas à gestão administrativa. O Entrevistado 8 indica que não participaria mais da Cooperativa se entendesse que falta transparência dos gestores nas ações

desempenhadas por eles e o Entrevistado 11 entende que o perfil das pessoas que conduzem a administração do empreendimento pode ser um fator que desmotive a participação dos associados.

#### **4.3.1 Sub-Categoria 3: A satisfação do cooperado e a sua percepção sobre o impacto da sua participação na gestão do negócio**

A próxima pergunta solicitava que o associado considerasse a sua relação com a Cooperativa, e, assim, definisse como se sentia em relação a ela. Das respostas recebidas e analisadas, 92% (noventa e dois por cento) dos cooperados declaram-se satisfeitos em relação à Coopersinos. Entre os principais motivos de satisfação, destaca-se o atendimento prestado pelos funcionários da Cooperativa no momento de auxiliar os associados ao acessarem algum dos prestadores de serviço. Apesar do objetivo principal da Coopersinos ser proporcionar o acesso de seus associados aos serviços de saúde, e que, nesse sentido, possuir um atendimento preparado para responder as demandas do seu grupo é algo essencial, entende-se que pertencer a uma cooperativa envolve um número de elementos que vão além da prestação do serviço, mas estes fatores não foram considerados pelos entrevistados no momento de responderem a pergunta.

Complementando a sua resposta, o Entrevistado 8 relata que, além do bom atendimento prestado pelos funcionários, percebe, na Cooperativa, um ambiente que oportuniza a participação e que age com transparência.

Da mesma forma, o Entrevistado 10 amplia sua percepção sobre esta relação, indicando que percebe que não há muita participação e nem um grande envolvimento do associado com as situações que abrangem a atividade da Cooperativa, e, justifica a sua colocação, citando o baixo índice de participação dos cooperados nas Assembleias.

A última questão apresentava-se de forma objetiva e tinha como função gerar uma reflexão do cooperado sobre suas responsabilidades na cooperativa, além de demonstrar o grau de entendimento de corresponsabilidade do cooperado quanto à continuidade da organização. Verificou-se, entre as respostas dessa pergunta, que 48% (quarenta e oito por cento) dos entrevistados não se sentem responsáveis pelos rumos da cooperativa e serviços prestados por ela. A resposta evidencia que boa parte dos credenciados apresenta distanciamento das questões cotidianas da cooperativa e carência de compreensão do significado e identificação com a proposta dos princípios e valores cooperativos.

Grande parte das respostas negativas foram identificadas entre os cooperados alocados nos grupos 1 e 2. Já os associados do grupo 3 apresentaram um maior entendimento sobre as suas responsabilidades junto a Cooperativa, apesar deste grupo também apresentar um participante que se entende como responsável pelos rumos da instituição. Mesmo assim, percebe-se que quanto maior o tempo de vínculo do cooperado, maior a sua compreensão sobre o seu papel dentro da Cooperativa.

A seguir, serão apresentadas as considerações finais deste trabalho, ponderando as revisões bibliográficas utilizadas para a realização do mesmo e os principais resultados investigados nos questionários.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade das organizações contemporâneas obriga-as a buscar, cada dia mais, formas de tornarem-se mais dinâmicas e mutáveis. Nesse contexto de turbulências organizacionais, em que a necessidade por inovação, sustentabilidade e adaptabilidade surgem como fatores chaves para que a empresa se mantenha, encontra-se as cooperativas de saúde. Não há como criar, flexibilizar, adaptar-se e, principalmente, garantir a sua sustentabilidade, se não for através das pessoas. As cooperativas já possuem, em sua essência, uma gestão participativa, mas, trabalhar para que haja o fortalecimento do seu capital social, mostra-se como algo extremamente importante para garantir o seu diferencial competitivo e sua sustentabilidade.

O estudo realizado para fundamentar esta pesquisa trouxe a percepção dos associados da Coopersinos, divididos em três grupos separados por tempo de vínculo, contemplando cooperados há menos de cinco anos, mais de cinco anos e mais de dez anos, sobre os motivos que os levaram a aderir à cooperativa, a participação deste grupo nas atividades da cooperativa e sua percepção sobre o seu papel como cooperado.

Acredita-se que quanto maior o capital social percebido na Cooperativa, maior será a sua capacidade de ser sustentável e de desenvolver um ambiente propício ao empreendedorismo coletivo, pois facilitaria o acesso aos ativos intangíveis, como o capital intelectual, e possibilitaria a criação de um grupo de pessoas capacitadas a dar sequência no trabalho, garantindo a sua sustentabilidade.

De acordo com as respostas obtidas nos questionários aplicados com o grupo de cooperados, percebe-se que, ao aderir a cooperativa, os associados levam em consideração somente o benefício proporcionado por ela, seja o de acesso aos serviços prestados, seja pela vantagem financeira originada pelo seu modelo. O fato de ser um empreendimento econômico-social, de participação democrática e dos ganhos coletivos não são elementos considerados importantes no momento da decisão. Esta situação é identificada em todos os grupos analisados.

Nota-se, no grupo, um grande número de pessoas que desconhece os Princípios do Cooperativismo, este fato também é percebido na maioria das respostas e evidencia a falta de identidade cooperativa dos associados. Entende-se que esta situação é o reflexo do pouco investimento em educação cooperativa por parte da Coopersinos. Conforme citado anteriormente, a ignorância dos associados com relação aos princípios no momento que

ingressa na Cooperativa é algo compreensível, mas o fato desta situação perdurar durante os anos de relacionamento é algo condenável, considerando que a educação e capacitação cooperativa é um dos seus principais princípios. Esta falta de identidade reflete-se na baixa participação dos cooperados nas atividades da cooperativa, tanto nos órgãos de gestão, quanto nas Assembleias. Esta situação remete-nos a ponderar se este afastamento ocorre devido ao excesso de confiança nos gestores da cooperativa ou se realmente caracteriza-se como desinteresse do associado com as questões que envolvem a gestão.

Considerando a pouca participação identificada nas respostas, indica-se que a Coopersinos invista em educação cooperativa frequente, proporcionando aos associados espaços de discussão, interação e participação da gestão, preparando-os para desempenharem ativamente o seu papel de dono e usuário, seja na composição dos Conselhos Administrativo e Fiscal, seja nas assembleias. Alerta-se que o capital social só existirá se houver interação e compartilhamento de valores, normas, cultura, redes, entre os integrantes da cooperativa. Outro ponto importante é que quanto maior a participação, menores serão as chances de oportunismos na gestão e maiores as possibilidades da Coopersinos manter-se sustentável, pois mais pessoas estarão pensando na viabilidade do negócio.

Conforme discutido neste estudo, entender as relações existentes no âmbito da cooperativa e a importância do capital social e o seu impacto na gestão são essenciais para garantir a sustentabilidade da Coopersinos e a criação de um ambiente empreendedor. O que se deve buscar é a compreensão do grupo de associados com relação ao seu papel dentro da cooperativa e, assim, fortalecer a relação entre os cooperados, aumentando o sentido de vínculo e o sentido de pertencimento destes em relação à cooperativa. Desta forma, avalia-se possível potencializar a renovação organizacional e um maior envolvimento dos cooperados na gestão cooperativa.

## REFERÊNCIAS

- ABDO, Marianna. Especialista da FGV fala dos desafios do setor de saúde. **FGV in Company**. 2011. Disponível em: <[http://www.fgv.br/fgvincompany/\(S\(vwklhliqkmxsmgjakbxdnt5zb\)\)/arquivos/releases/por/rel ease\\_11.pdf](http://www.fgv.br/fgvincompany/(S(vwklhliqkmxsmgjakbxdnt5zb))/arquivos/releases/por/rel ease_11.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- BAIOTO, Carlos Daniel. **Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Capital social: aplicabilidades em cooperativas**. Material da aula – 21/06, da disciplina de Economia em Cooperativas – MBA em Cooperativismo – 2013/1, ministrada pelo Professor Carlos Daniel Baioto, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Empreendedorismo: reflexões iniciais**. Material da aula – 21/05, da disciplina de Ambientes Cooperativos e Cultura Empreendedora – Especialização em Cooperativismo – 2014/1, ministrada pelo Professor Carlos Daniel Baioto, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, 2014a.
- \_\_\_\_\_. **Sobre capital social e a proposta cooperativa: perspectivas e limites**. 2014. Artigo (Doutorando em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014b.
- BECKER, Márcio Daniel. **Os programas de educação cooperativa e seus impactos na melhoria do capital social**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Especialista em Cooperativismo) – Curso de MBA – Cooperativismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. **Mapa cooperativismo**. Brasília: SESCOOP, 2012. 48p. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/Cooperativismo%20e%20Associativismo/Publica%C3%A7%C3%B5es%20e%20M%C3%ADdias/cooperativismo%20atualizada%202012.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Cooperativismo%20e%20Associativismo/Publica%C3%A7%C3%B5es%20e%20M%C3%ADdias/cooperativismo%20atualizada%202012.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2014.
- CARVALHO, Maria Cristina; ABRANCHES, Ronaldo Sales. **Influência no desenvolvimento do empreendedorismo corporativo**. Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Rio de Janeiro: SEGeT, 2008.
- CATTANI, Antonio D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

CAVALCANTI, Clóvis. **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável.** São Paulo: Cortez, 2003.

CENTENARO, Ângela Ester Mallmann. **A influência do capital social no fomento de projetos de financiamento coletivo.** 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum** (Relatório Brundtland). 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COOPERATIVA DOS USUÁRIOS DE SERVIÇOS DE SAÚDE DO VALE DO RIO DOS SINOS LTDA. (COOPERSINOS). Site com informações sobre a cooperativa. Disponível em: <<http://www.coopersinos.com.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DRIMER, Alicia Kaplan de. **Las cooperativas.** Buenos Aires: Intercoop, 1975.

GIL, Antônio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia.** São Paulo: Atlas, 2011.

HILDEBRANDO, Valdomiro. Análise de custos de transação e evidências de oportunismo organizacional. **Pesquisa & Debate**, SP, v. 19, n. 2 (34), p. 157-177, 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/rpe>>. Acesso em: 15 set. 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** Ijuí: Unijuí, 2007.

MOREIRA, José César Pontes; MERA, Ruben Dario Mayorga; KHAN, Ahmad Saeed; MAYORGA, Maria Irles de Oliveira; MENEZES, Adriano Sarquis Bezerra de. Capital social como fator de sustentabilidade das cooperativas agroindustriais, estudo de caso. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL – SOBER, 46., 2008, Rio Branco. **Anais eletrônicos...** Rio Branco-Acre, p.1-21, 20-23 jul. 2008. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3941/1/2008\\_eve\\_jcpmoreira.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3941/1/2008_eve_jcpmoreira.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2014.

NAZZARI, Rosana Kátia; REULE, Eronice; LAZZAROTTO, Elizabeth Maria. **Capital social, desenvolvimento socioeconômico e cooperativismo.** Unioeste, 2003. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/IIseminario/trabalhos/capital%20social,%20desenvolv.%20socioeconomico.....pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

OS DESAFIOS da economia brasileira. Entrevista especial com Ricardo Amorim. [maio 2014]. **Revista Unimed BR**, n. 10, ano 4, maio 2014. Disponível em: <[http://www.ricamconsultoria.com.br/news/entrevistas/palestra\\_saude\\_cooperativismo](http://www.ricamconsultoria.com.br/news/entrevistas/palestra_saude_cooperativismo)>. Acesso em: 25 ago. 2014.

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Manual de economia**. 6. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ROESCH, Sylvia M. Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: Guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão. São Paulo: Atlas, 1999.

SAÚDE SUPLEMENTAR: crescimento acelerado e desafios para a sustentabilidade. Painel "Planos de saúde e direitos do consumidor" debate problemas e perspectivas do setor. In: **Congresso Brasileiro de Direito do Consumidor**, 12., Hotel Serrano, Gramado, RS, de 12 a 15 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.cnseg.org.br/fenasaude/servicos-apoio/noticias/saude-suplementar-crescimento-acelerado-e-desafios-para-a-sustentabilidade.html>>. Acesso em: 15 set. 2014.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. 2. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. Globalização, desenvolvimento local sustentável e cooperativismo. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DOS PESQUISADORES EM COOPERATIVISMO, 3., São Leopoldo, RS, 2004. **Anais do Encontro Latino-Americano dos Pesquisadores em Cooperativismo**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.

SIMÃO, Ângelo Guimarães; BANDEIRA, Arnaldo. **O cooperativismo como alternativa para o atingimento da sustentabilidade**. Disponível em: <[http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/sustentabilidade/angelo\\_arnaldo\\_cooperativas.pdf](http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/sustentabilidade/angelo_arnaldo_cooperativas.pdf)> Acesso em: 25 ago. 2014.

VALADARES, José Horta. **A moderna administração em cooperativas**. Rio de Janeiro.– MBA em Gestão Empresarial em Cooperativas de Saúde – Realização Fundação Getúlio Vargas – Cursos “in Company”. Disponível em: <[http://www.administracaovirtual.com/administracao/downloads/apostilas/Administr\\_Cooperativas.doc](http://www.administracaovirtual.com/administracao/downloads/apostilas/Administr_Cooperativas.doc)> Acesso em: 26 abr. 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZUCATTO, Luis Carlos; SILVA, Tânia Nunes da. **Empreendedorismo cooperativo**: evidências a partir dos estudos historiográficos de duas cooperativas de eletrificação rural do RS. XXXVIII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro: EnANPAD, 2014.

ZURITA, Benedito Roberto; CAMPOS, Guilherme Santos e; MELCHOR, Paulo.  
**Cooperativa. Saiba Mais SEBRAE.** 23p. Disponível em:  
<[http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/86B87577784111140325714200696F68/\\$File/NT00031F86.pdf](http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/86B87577784111140325714200696F68/$File/NT00031F86.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2014.